

ECOLOGIA

Cientista mochileiro

Biólogo refaz em três anos as viagens dos naturalistas europeus do século XIX

PETER MOON

Grandes naturalistas europeus como Charles Darwin e os alemães Spix e Martius embrenharam-se pelas matas brasileiras no início do século XIX. Não havia estradas, as epidemias grassavam, inexistiam antídotos contra veneno de cobra, aranha e escorpião e o risco de ataque por índios era constante. Não havia certeza de volta com vida à Europa. Participar daquelas viagens era ofício para autênticos aventureiros, fanáticos pelo estudo da fauna e flora tropicais. Fascinado pelos relatos daqueles naturalistas, o biólogo santista Renato Bérnils, 32 anos, resolveu repetir a pé e sozinho seus itinerários. "Vou parar de babar com a biografia alheia e fazer a minha."

Aveso à carreira acadêmica, Bérnils prefere uma vida de biólogo marginal. Formado pela Universidade Federal do Paraná, sem nenhum patrocínio ele quer passar três anos perambulando pelos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia e comparar o panorama visto pelos naturalistas com a ecologia atual. O biólogo pretende coletar venenosas aranhas viúva-negra para a produção de soro pelo Instituto Vital Brasil, de Niterói, assim como cobras peçonhentas surucucu e a coral para o Instituto Butantã de São Paulo.

Desde setembro, Bérnils já fez um primeiro trecho da viagem. Seguiu de Niterói até Cabo Frio, roteiro do príncipe alemão Maximilian von Wied-Neuwied (1815-1818) e do desenhista alemão Johann Ruggendas (1821-1832). Em 1832, quem passou por ali foi ninguém menos que o inglês Charles Darwin, pai da teoria da evolução. Nas cidades que Bérnils visitou, ao dizer que queria capturar bichos venenosos para fazer antídoto, a população foi ajudá-lo. "Trabalho há 12 anos com cobras e nunca tinha sido picado. Mas, quando me trouxeram uma jibóia de dois metros, para mostrar que não era venenosa deixei-me picar. Ficaram dois buracos no braço que logo sararam."

Depois do Carnaval, Bérnils volta para



Bérnils em ação: zoólogo mochileiro revive aventuras de Darwin e Burton

o mato. Passa um ano entre o Rio e o Espírito Santo. De Valença, o biólogo segue as pegadas feitas entre 1816 e 1820 pelo francês Saint Hilaire e pelo barão Langsdorff, enviado pelo czar da Rússia, entre 1824 e 1829. Do roteiro faz parte a serra de Itatiaia. De lá, o aventureiro vai a Vila Velha, antiga capital capixaba. Pela região de Santa Teresa, de colonização européia, passou o barão suíço Johann von Tschudi. "Veio como espião em 1860 para saber como o governo brasileiro tratava os colonos suíços."

"A Bahia, por suas dimensões, falta de

infra-estrutura e biodiversidade, promete ser a melhor etapa da viagem." Ao longo de dois anos, Bérnils vasculha o Estado. Sai de Ilhéus e Itabuna até chegar a Salvador, onde realiza no sentido inverso o roteiro feito entre 1817 e 1820 por Spix e Martius. Através da caatinga e do cerrado, o naturalista santista chegará a Carinhanha, às margens do São Francisco. Lá, com uma canoa, pretende descer o rio por 500 quilômetros até Xique-Xique, nas mesmas águas onde em 1867 remou o aventureiro inglês sir Richard Francis Burton. Um dos descobridores das nascentes do rio Nilo, Burton foi também cônsul em Santos e observador na guerra do Paraguai. Dominava 27 idiomas e traduziu para o inglês *As mil e uma noites* e *Os lustedas*, de Camões. De acordo com Bérnils, o São Francisco também foi visto pelo dinamarquês Peter Lund (1825-1829), que descobriu em 1851, em Lagoa Santa, ossadas humanas de dez mil anos, as mais antigas do Brasil. De volta a Salvador, Bérnils faz o litoral norte da Bahia até as cataratas de Paulo Afonso, visitadas por Spix e Martius.

Para sobreviver em sua aventura, Bérnils conta com míseros R\$ 150 mensais do próprio bolso. Mas não desanima. Bota o pé na estrada com a roupa do corpo e uma mochila de 35 quilos. Leva uma barraca, facão, lanternas, máquina fotográfica, binóculo, bússola, um pau de pegar cobras e o material científico. Se tudo der certo, daqui a três anos quer fazer os roteiros de Spix e Martius no Nordeste até o Maranhão, às portas da Amazônia. E quem sabe publicar um livro explicando como viajar pelo Brasil com apenas R\$ 5 por dia.



CAROL QUINTANILHA